

ESPAÇOS E TEMPOS:
CONCEPÇÕES DE TEMPO NO CONFRONTO
DO MODERNO COM A TRADIÇÃO ¹

Henrique J. P. Sampaio²

Quando se procede a uma análise sobre as fronteiras entre o rural e o urbano ou entre cultura popular e cultura envolvente, ou ainda entre o universo do oral e do escrito, não se pode deixar de pensar nas diferentes concepções de tempo que prevalecem em cada lado desses termos. É certo que o ritmo temporal das cidades é diferente daquele existente no meio rural e a ninguém causa estranhamento tal coisa. Quem, que já vivenciou as urgências temporais dos compromissos de trabalho nos grandes centros urbanos e as dificuldades de deslocamentos, não desejou passar alguns dias no campo e deleitar-se com o seu ritmo de vida mais lento? Quem não recebeu esse conselho de refugiar-se no interior quando de seus momentos mais estressantes? Ao lado disso, quem não ouviu falar da "indolência" do índio brasileiro e da "preguiça" do baiano? Todos esses elementos revelam concepções diferenciadas de tempo. Revelam inclusive um preconceito que enuncia uma certa indisposição da sociedade envolvente em aceitar comportamentos concernentes a essa maneira de pensar, de ser e agir. Qual seria, então, o fundamento dessa diferença?

Passarei agora a perscrutar as raízes dessa diferença para, em seguida, relacioná-las ao universo de nossa pesquisa e tentar pôr em evidência os reflexos desse comportamento social no contexto das comunidades de Guruji e Jacumã.

As comunidades camponesas e todas aquelas que tiveram e ainda têm uma dependência direta da exploração de plantas e animais forjaram sua concepção de tempo em conformidade com os ciclos da natureza. O passar das horas, dos dias, meses e anos tem pouca importância se comparado ao ciclo que vai do preparo da terra para o plantio ao da colheita, do nascimento dos animais até sua reprodução ou abate, de uma estação de frutificação à outra, de uma estação de defeso na coleta a uma de pesca, do tempo de uma maré à outra. A referência temporal dessas comunidades é dada pelos ciclos solares e lunares. O tempo ao longo do dia é orientado pelas tarefas, ou seja, pela necessidade de realizar uma quantidade de tarefas determinadas e pelo tempo que elas exigem podendo, nesse caso, encolher ou esticar o dia de trabalho. Essa concepção de tempo, dominante até o início da Revolução Industrial, foi paulatinamente sendo substituída por uma outra que estava muito mais afinada com as novas formas de produção e a divisão do trabalho que se iniciavam. Era uma concepção de tempo baseada nos relógios, construída, em grande parte, pelas necessidades de disciplinar o trabalho e de

¹ Este trabalho foi apresentada, sob o mesmo título, no GT "Memórias, Narrativas e História Oral", durante o X Encontro de Ciências Sociais do Norte e Nordeste, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal da Bahia, em Salvador, no período de 14 a 17 de agosto de 2001.

² Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal da Paraíba (Campus I - João Pessoa).

uniformizar a produção, ajudada ainda, substancialmente, pelas novas orientações religiosas do protestantismo (Thompson, 1998: 271-296).

A evolução do sistema capitalista determinou a secularização completa do tempo, passando, a despeito de qualquer orientação religiosa, a ser uma exigência dos capitalistas e do próprio sistema. Desse modo, o uso disciplinado do tempo que, primeiramente, tinha uma relação direta com o trabalho e a produção, estende-se às demais instâncias sociais. Ajudou nesse processo o inculcamento das idéias realizado nas escolas, que geravam um pensamento e um comportamento disciplinado. Desde cedo a classe trabalhadora era acostumada aos hábitos que mais favoreciam ao trabalho e ao aumento da produção. O surgimento e o posterior desenvolvimento delas, sendo disseminadas em larga escala nas sociedades ocidentais, impulsionou a disciplina da classe operária e ajudou a consolidar o tempo tal qual conhecemos hoje, linear, evolutivo e sistêmico.

No plano das idéias, a passagem de uma concepção cíclica do tempo para uma concepção linear realizou-se muito antes da Revolução Industrial, que deu início ao sistema capitalista. A Igreja Católica, mediante a constituição de grandes bibliotecas de acesso restrito aos eclesiásticos e a partir da custódia da maioria dos livros antigos e de sua respectiva tradução para diversas línguas, concentrou durante toda a Idade Média a produção do conhecimento. O pensamento cristão, dominante durante todo esse período, tendo como principal parâmetro as escrituras sagradas, assumiu e veiculou a noção temporal nelas presente. A esse respeito, Newton Bignotto afirma:

“A imagem que melhor sintetiza o tempo, tal como o pensamento cristão o concebe em sua sucessão contínua de momentos, é a linha. Essa imagem corresponde, em primeiro lugar, à forma de pensar o desenrolar da presença do homem no mundo. Ao momento da Criação, que dá origem ao tempo dos homens se segue uma série de momentos que nos conduzem ao encontro da verdade revelada, o tempo messiânico em que o passado se funde na eternidade de Deus.

“Para desvendar o segredo dos diversos momentos da história é preciso não esquecer que o tempo decisivo - kairós - é o tempo do Cristo, que tem uma dimensão escatológica e que domina todos os outros.” (1996: 180)

Essa imagem de encadeamento sucessivo de acontecimentos não custou a ser secularizada e embora essa noção tenha tido pouca repercussão no cotidiano das pessoas, a racionalidade temporal estava lançada, disseminada o suficiente na sociedade para promover a extensão desse raciocínio às outras instâncias da vida social. Entretanto, para que as condições fossem favoráveis ao desenvolvimento capitalista foi necessário antes que o Homem Ocidental retirasse de Deus os desígnios de sua própria história, ou seja, que ele acreditasse firmemente que poderia a partir de suas próprias ações no presente, refletindo sobre o seu passado, produzir o seu futuro. No plano das idéias e da cultura foi exatamente isso o que aconteceu no movimento renascentista, que chegou ao seu apogeu nos séculos XV e XVI, no qual houve uma negação tremenda ao teocentrismo e sua subsequente substituição pelo

antropocentrismo. Desse modo, as bases culturais para a ampliação das relações comerciais, para o crescimento da divisão entre trabalhadores e os donos dos meios de produção e para o surgimento das máquinas que aumentariam a produção estavam prontas, proporcionando condições sociais apropriadas para o desenvolvimento do capitalismo.

A partir de então, viu-se a expansão e o domínio mundial do capitalismo expresso no seu desenvolvimento cada vez maior que se amplia a nível mundial, que engendra um tecnicismo cada vez maior, visto mais claramente no elevado conhecimento científico e no altíssimo grau de utilização de máquinas cada vez mais ágeis e produtivas. A esse movimento seguiram-se taxas de lucratividade altíssimas que permitiram concentrações de capitais em níveis jamais imaginados. É importante colocar que tal desenvolvimento não ocorreu de maneira igualitária, seja entre nações ou regiões e muito menos entre campo e cidade. Não obstante o tempo no mundo capitalista tenha um caráter dominador, ultrapasse barreiras regionais e nacionais, a todos pretenda abranger e se apresente como o tempo universal, não conseguiu eliminar as concepções de tempo diferenciadas existentes em cada sociedade, nem entre as várias culturas. Por outro lado, o próprio desenvolvimento desigual provocou ritmos de vida diferenciados, ou seja, a noção de tempo que as pessoas cultivam, o tempo que as pessoas vivenciam é aquele que está em conformidade com sua atividade produtiva principal. Portanto, quanto mais industrializado, quanto mais urbanizado, e quanto mais mecanizado for o espaço de vivência, maior será a velocidade do tempo vivido. Reside nisso o fundamento da diferença de tempo que é o argumento central da presente exposição. No campo, onde se pratica uma agricultura mais rudimentar com pouco emprego de máquinas e com uma modesta relação com o mercado, ou ainda nas cidades dominadas pelo campo, em que a atividade produtiva principal encontra-se na agricultura e, em geral, numa agricultura alimentar, com uma relação comercial pequena, o tempo vivido e a concepção de tempo que prevalecem são de ritmos bem mais lentos.

Sobre o tempo veloz que estamos acostumados a viver e a desejar nos grandes centros urbanos, Aduato Novaes afirma:

"(...) admiramos a velocidade (em que um centésimo de segundo põe em jogo prestígio, dinheiro, interesses - já não sabemos viver a vida lenta e inexata) (...) vivemos principalmente a perda do sentimento do tempo ao considerarmos que 'as coisas rápidas são muito lentas e que as próprias mensagens elétricas fazem morrer de tédio'." (1996: 13)

É exatamente esse sentimento, de tédio, o que as pessoas sentem quando se vêem obrigadas a experienciar por mais de uma vez uma mesma situação de entretenimento. Quer dizer, quando um programa de televisão se repete, quando um garoto esgota todas as possibilidades de um jogo eletrônico em um ou dois dias, etc., ou seja, quando algo que é destinado ao consumo perdeu a sua condição de novidade, resta-lhe apenas o impulso de entediar as pessoas. É essa uma das principais características da sociedade moderna, criar produtos, inclusive culturais, que se esgotam rapidamente e obrigam-nas a procurar consumir outros para preencher o vazio que deixam dentro delas. Esconde-se

nesse movimento uma volubilidade e uma necessidade cada vez mais rápida de consumo que dificilmente são explicadas por vias racionais. É esse mesmo processo que induz à velocidade que gera a insatisfação pela morosidade mesmo nas coisas rápidas, como salienta Novaes. Atualmente, nos meios de comunicação, é a *Internet* que mais põe em debate essa necessidade por velocidade. Depois de instalada a promessa de informação instantânea, ninguém quer mais esperar, um pouco de tempo que seja, para ver realizado o seu desejo de comunicação. Agora todos querem tempo real e não param de surgir equipamentos que prometem realizar mais em menos tempo. A imediatez das coisas é a linguagem do tempo presente.

É dentro deste contexto de tempo como uma flecha, *veloz*, dominador, hegemônico que devem ser pensados os lugares em que o peso da tradição e o "atraso econômico" emperram o relógio da modernidade e fazem o tempo correr devagar. Trata-se, portanto, dos locais próximos ou distantes dos grandes centros urbanos, em que a modernidade traduzida em produção em larga escala, renda e consumo tiveram pouca penetração. Onde palavras e termos como produtividade, qualidade total, ISO 9002, etc. têm pouco ou nenhum sentido para as pessoas. Porém, mesmo dentro desses lugares, não se pode imaginar que o moderno não se faça presente e que a vida de seus habitantes não esteja subordinada ao tempo da sociedade envolvente, pois lá já chegaram o rádio, a televisão, o automóvel, o transporte público, o telefone, etc. As pessoas desses lugares também têm que ir às repartições públicas, aos postos de atendimento médico, às escolas, aos bancos e em todos esses casos tem que se sujeitar, como a população em geral, aos horários estabelecidos pelas respectivas instituições e se basear no tempo do relógio. Como se vê, o tempo do relógio não é totalmente estranho para essas pessoas. Na maioria das vezes, o relógio até faz parte de seu cotidiano, mas a noção de pressa, de urgência que se tem nos centros urbanos é bem diferente da que se tem nesses lugares; afinal, como disse Manoel Moura, um de nossos colaboradores em um momento de descontração, "se não se tem pressa pra morrer porque se tem pressa pra viver" e então, vive-se lentamente. Por outro lado, ainda hoje, o relógio assume entre essas pessoas uma outra função bem diferente daquela que tem sido reservado para ele, muito mais do que marcar o tempo, ele serve como objeto de beleza e de valor que pode ser vendido ou trocado (fazer parte de um rolo, no dizer dos pobres) nos momentos de dificuldades financeiras (Thompson, 1998: p. 279) ³. A grande resistência que ainda se faz ao tempo do relógio nos lugares onde o desenvolvimento econômico é pouco avançado diz respeito ao seu caráter abstrato, isto é, à falta de conexão desse tempo com o cotidiano concreto do agricultor - ao esvaziamento do tempo. Giddens, referindo-se às culturas pré-modernas, sustenta:

³ Essa função já foi observada por Thompson entre os trabalhadores ingleses do séc. XIX. Ele a denominou de "banco do pobre" pela possibilidade do relógio ser penhorado nos momentos de dificuldades financeiras. Cf. também Rocha (1999: 124), em que relógios, bicicletas e uma sorte de objetos de pequeno valor podem ser usados para adquirir bens de valor maior ou ainda podem ser trocados por outros de valores menores, recebendo a diferença em gêneros alimentícios.

"(...) o cálculo do tempo que constituía a base da vida cotidiana, certamente para a maioria da população, sempre vinculou tempo e lugar - e era geralmente impreciso e variável. Ninguém poderia dizer a hora do dia sem referência a outros marcadores sócio-espaciais: 'quando' era quase, universalmente, ou conectado a 'onde' ou identificado por ocorrências naturais regulares. A invenção do relógio mecânico e sua difusão entre virtualmente todos os membros da população (um fenômeno que data em seus primórdios do final do século XVIII) foram de significação-chave na separação entre o tempo e o espaço." (1991: 25-26)

Essa é mais uma das razões pelas quais pode-se perceber a aproximação dos moradores de Guruji e da comunidade de pescadores de Jacumã ao tempo cíclico, pois, como agricultores e pescadores, eles já se encontram afinados com esse tempo devido às condições de trabalho e de vida e reafirmam essa concepção temporal com as referências espaciais do tempo. Desse modo, o mastro da vela do barco ou da jangada ou ainda a própria sombra pode servir como relógio de sol. Construções, árvores e acidentes geográficos aparecem como marcas temporais importantes e povoam a lembrança de moradores. Não é a toa que cada lugar com alguma conexão com os seus moradores guarda histórias tristes e alegres, representa uma luta ou uma conquista, ou apenas uma vida dedicada ao trabalho. São testemunhos físicos da vida de cada um. A manutenção desses espaços, dessas referências de vida, dos vizinhos, dos amigos, do trabalho, dos rituais, das festas, enfim de tudo aquilo que direta ou indiretamente concorre para a solidariedade e a coesão social do grupo é o que permite o enraizamento e a permanência de uma cultura popular rica e vibrante.

No entanto, as duas comunidades são bombardeadas por interferências externas das mais variadas formas, quase todas, intencionalmente ou não, buscando integrar essas pessoas ao mercado numa posição extremamente desfavorável, com a substituição dos seus valores internos por outros que além de serem estranhos levam-nas à desagregação. É assim que a conquista de cada um dos elementos da cidadania e da modernidade carrega, ao mesmo tempo, outros que lhes são perniciosos. Deste modo, a luz elétrica que representa uma melhoria nas condições de vida traz consigo o rádio e a televisão, que transformam totalmente seu lazer, restringindo ou acabando de vez com as conversas entre os vizinhos na frente das casas ao pé da fogueira, com as festas comunitárias, com as reuniões, etc. A televisão também insere novos valores, introduz novas necessidades de consumo que, se passíveis de serem satisfeitas, não contribuem para o bem estar dessas populações, mas apenas cumprem o objetivo de efetivar uma última espoliação do trabalhador. Além disso ela representa o elemento mais novo e dos mais eficientes no trabalho de alienar as populações pobres. Não é à toa que pesquisas comprovam que existem mais televisores nas favelas do que geladeiras. Com relação à alienação, Gerd Bornheim em seu artigo "A invenção do novo" declara:

"(...) é o trabalho com a máquina que coloca o homem comum diante dessa outra máquina que é um aparelho de televisão,

inaugurando por aí um comportamento passivo do espectador. Sucede que, hoje, tais modos de apassivamento adquirem dimensões que emprestam à alienação uma densidade que pode ser considerada ontológica. A questão deixa-se vincular à hegemonia que assume em nosso século a presença do objeto, ou melhor, a avassaladora tirania que ostenta hoje a dicotomia sujeito-objeto (...). O objeto passa a exercer sobre o homem um verdadeiro fascínio, verifica-se um prazer em reduzir-se à condição de objeto (...).” (1996: 113)

O caráter pernicioso da televisão também não pára por aí. Alfredo Bosi, no livro *Cultura brasileira: temas e situações*, por ele organizado, chama a atenção para o caráter colonizador da cultura de massa quando diz que “*ela invade, ocupa e administra o tempo do relógio e o tempo interior do cidadão, pouco lhe importando as fronteiras nacionais*” (1996: 10).

E levando-se em conta que a televisão é o veículo que alcança a maior penetração entre as populações pobres e de maior eficiência na manipulação de consciências e no incentivo ao consumo, podemos ver o poder que ela representa. Ela exerce um fascínio enorme entre os pobres. A televisão é uma verdadeira fábrica de sonhos, de ilusões, ao mesmo tempo que pelo recurso da imagem ela dá a idéia de que “comprova” a veracidade da informação. É o império dos provérbios que dizem que “para fatos não há argumentos” e de que “a imagem diz tudo”. Nela a vida aparece como ela é, dizia o programa jornalístico, “Aqui e agora”, e sonhos “impossíveis” podem ser realizados na “Porta da Esperança” ou no giro de um pião. A novela imita a vida e o jornal falseia os fatos. Portanto, a alienação está no jogo entre o que é real e o que é ficção, está na ilusão de que o cidadão anônimo tem influência no resultado dos programas, como preconizava o programa “você decide”. Programa esse que transformava a audiência num grande laboratório de manipulação de consciência humana que serve aos fins mais perversos de dominação. Sobre a capacidade de manipulação e dominação do *mass media*, Georges Friedman diz:

“Pode-se manipular o indivíduo psicologicamente (intelectual e afetivamente) para fazê-lo aceitar uma guerra, ou seguir uma ditadura, mas também para fazê-lo comprar um novo produto, obedecer a uma nova necessidade: as mass media podem, com efeito, com eficácia calculada apressar a maturação das necessidades novas.” (1968: 109)

A alienação do telespectador está também na inversão da relação sujeito-objeto entre homem e máquina. Dessa feita, o homem passa a disciplinar o seu tempo em função do horário ditado por ela e assim assume a condição de objeto da máquina, com um comportamento passivo e robotizado. Dona Lenira, uma de nossas colaboradoras, no trecho de entrevista a seguir, dá um exemplo disso ao relatar sua experiência com a televisão. Ela diz:

“Olhe, o televisão pra mim, como um vício, era como um vício de fumar. Eu era fã de televisão. Olhe eu vinha trabalhar aqui, quando eu chegava, quando dava..., no horário novo, né, eu pegava direto. Eu fazia lanche, como Lenita já falou pra você que a gente

lançava uma farinha com um pedaço de carne e algumas vezes botava um feijão no fogo, mas eu lançava e pegava no trabalho logo que era pra ir embora cedo pra casa. Quando chegava naquela hora daquela novela, seis horas, eu já tava em casa. Aí cuidava o café, me sentava em frente a televisão com o prato da comida ali e comia assistindo. Eu não saía pra uma festa enquanto eu não assistisse a novela que eu queria assistir. Podia tá a melhor festa, a festa de São Sebastião que é a do padroeiro, mas eu só assistia depois que assistia a novela. Eu deixava de ir pra festa de Pitimbu, do Senhor do Bonfim de Pitimbu pra assistir a novela. Teve uma vez que eu deixei de ir pra Pitimbu, quando as meninas chegaram lá assistiram a novela, o mesmo capítulo que tinha passado na Sexta-feira e eu fiquei em casa por causa da novela e assisti o mesmo capítulo da sexta-feira, morrendo de raiva, e as meninas quando chegaram zombando da minha cara. Mas eu era fã, olhe, no Domingo era Silvio Santos. Eu ligava desde o começo, da abertura até quando terminava o programa do Silvio Santos. Era uma carteira de cigarro ali encostado e uma caixa de fósforo ou um isqueiro e ali era comida e tudo. No intervalo corria na cozinha e vinha pra frente da televisão. Não saía pra canto nenhum. Mas deixei como se deixa um vício de fumar, como deixei de fumar e tudo.”⁴

Foi preciso mudar-se para um lugar onde não havia luz elétrica para que Dona Lenira se libertasse desse vício, como ela mesma afirma. O televisor, ela emprestou para uma parenta e depois de quebrar várias vezes foi jogado no quintal no meio dos trastes velhos. Esse caso é ilustrativo da forma como a televisão afeta a vida das pessoas e leva-as à desagregação. Trata-se portanto da mesma fugacidade referida anteriormente em relação ao consumo de bens simbólicos. Substituídos os valores, desprezada a memória, esquecida a identidade, as classes subalternas perdem o vínculo com o espaço, com o seu tempo social e com a sua cultura. Após a satisfação da curiosidade, resta apenas o vazio que deve ser preenchido por uma outra coisa, reeditando o processo mais uma vez.

Entretanto, nem tudo está perdido, Dona Lenira demonstrou isso no seu depoimento, pois ao alinhar o hábito de fumar e de ver excessivamente a televisão, ela colocou ambos no patamar do vício, um hábito nocivo que precisava ser banido de sua vida. Outros exemplos têm mostrado que é possível resistir a essa força imperiosa e a própria cultura popular é o exemplo concreto disso. Ela vive um outro tempo, como diz José de Souza Martins:

“A temporalidade da prática popular e do conhecimento popular não pode ser reduzida à temporalidade cronológica do tempo quantitativo, lógico, porque aí se desfigura, perde sua qualidade, seu alcance e sua força transformadora.” (1989: 123)

⁴ Trecho de entrevista gravado na Agrovilva do Portinho de Barra do Gramame, distrito de Gurujá em 01/ ago./ 1999.

E é por isso, continua Martins, que ela não pode ser abordada como uma seqüência evolutiva de passado, presente e futuro porque se assim o for, perde-se a compreensão do tempo concreto da contradição, do movimento, da revolução. Deixa-se de apreender inclusive aquilo que é mais visível, sua capacidade de resistência ao tempo, ao modelo social e cultural hegemônicos. Não se consegue perceber, desse modo, que a resistência popular se nutre de um saber próprio e que no seu interior há uma contracultura do possível que não é percebido pelo próprio subalterno (Martins, 1989: 123).

Foi por conhecer de perto os elementos pertinentes à cultura popular, alguns deles discutidos aqui, e ir buscar o conhecimento popular diretamente com seus produtores, colocando-se na condição de aprendiz que Maria Ignez Novais Ayala encontrou a resistência popular onde não se poderia imaginar, no interior de uma fábrica. Em um dos espaços mais dominados pelo capitalismo, onde o tempo é rigorosamente controlado e o trabalho disciplinado, João cabeleira, o trabalhador repentista, entrevistado pela estudiosa, conseguia com o barulho ritmado das máquinas fazer seus versos, numa cantoria imaginária com cantadores conhecidos seus sobre os assuntos corriqueiros da fábrica, envolvendo os colegas de trabalho. Maria Ignez resume assim o confronto do mundo do cantador com o mundo da produção industrial:

“O processo de resistência cultural, no caso deste cantador-operário, parece dar corpo a um enfrentamento que tem suas raízes fincadas no desafio a um dos traços distintivos da sociedade capitalista: o tempo industrial.

Sua construção de desafios imaginários pode ser interpretada como um confronto da produção cultural regional, originária de um local onde impera a lógica da necessidade, com a produção industrial, que cria a disciplina de trabalho e com ela todo um jogo ideológico de utilização do tempo em função de interesses capitalistas.

(...) No nível do imaginário, a cantoria se faz independentemente do contexto real de atuação do cantador: sem espaço físico, sem viola, sem companheiro, sem público. O tempo aí se estica ou se contrai sem controle de ninguém, mimetizando a relação real instaurada pela cantoria de pé-de-parede, em que o uso do tempo é determinado exclusivamente pela disposição dos cantadores e de seus ouvintes.” (Ayala, 1997: 41-42)

O citado caso mostra como a resistência à sociedade e à cultura hegemônica ocorre até mesmo nas situações mais precárias, onde faltam elementos fundamentais para a realização da cantoria, o espaço adequado, o tempo próprio e o público específico. Mostra também que o tempo hegemônico, o tempo da produção, por mais imperioso que seja, não consegue excluir totalmente as diversas concepções de tempo existentes na sociedade. No caso em questão, o que permitiu a coexistência de uma concepção de tempo subalterna foi a intenção deliberada do cantador em resistir àquele trabalho alienante amparado na sua cultura, em recusar-se a esquecer a sua identidade.

O tempo de sua cantoria imaginária não segue as regras de continuidade e constância do tempo da produção e tende a ser mais alongado. Esse

alongamento é originário de um estilo de vida nos moldes tradicionais que se refere a um modo de ser mais denso, mais resistente ao desgaste e que se opõe ao ritmo da montagem em série (Bosi, 1996: 12).

O mesmo processo se dá em relação ao coco-de-roda, em que o prolongamento do tempo é extremamente valorizado seja em relação aos motivos de inspiração poética, seja quanto ao momento de sua realização. Nos versos do coco o cotidiano da comunidade é guardado de forma que chega a compor parte de sua memória. Um passado que é valorizado pelo respeito aos mais velhos, pela lembrança dos momentos importantes da vida familiar e comunitária e, sobretudo, pela preservação dos valores culturais. Embora que, no momento da composição dos cocos, não haja uma ação deliberada do cantador no sentido de preservar esse ou aquele fato por considerá-lo importante. Apenas canta-se o cotidiano e o que a coletividade seleciona e traz à lembrança é que compõe o conteúdo de sua memória. Mas o que fica, o que resiste ao tempo é aquele coco que toca as pessoas, que traduz o lugar, o modo de ser e de pensar dos produtores da manifestação, aquilo que, segundo Ecléa Bosi, "*capta o intemporal sob as espécies do temporal e regional*" (1992: 40).

Outro aspecto que conta para a valorização do tempo nos versos é a rima. A repetição das sensações auditivas faz com que haja uma tendência para a duração. Estrofes curtas, geralmente, de dois ou quatro versos que repetidas à exaustão e de forma acelerada parecem obedecer a uma força centrípeta que segue e imita a evolução da dança: a roda girando e dois dançadores no seu centro a fazer movimentos circulares com muita agilidade levando os participantes a uma situação de quase êxtase. E ao final de um coco longamente dançado com fervor reina um estado de euforia.

A percepção de retorno das coisas mediante a transmissão de geração a geração dos hábitos, valores, etc. em conjunção com o sentimento de simultaneidade promovido pela memória conduzem, segundo Alfredo Bosi, à idéia de tempo reversível e nesse sentido ele afirma:

"O mito e a música, que trabalham a fundo a reversibilidade, são 'máquinas de abolir o tempo', na feliz expressão de Lévi-Strauss." (1996: 27)

Portanto, nos cocos, é a conjunção da música com a repetição dos sons, da dança com a repetição de gestos e da memória preservada nos cocos que promove a reversibilidade do tempo. A comunhão de música e dança passa a ser um procedimento de reversibilidade interna, estrutural. Nesse sentido Alfredo Bosi diz:

"Na música, na poesia e na dança, o tempo é trabalhado internamente para, no conjunto, ser suspenso. Essa anulação subjetiva resulta de um processo de recorrências que despistam a serialidade das notas ou dos segmentos coreográficos. Na música o efeito de simultaneidade constitui uma conquista pela qual o sentimento, que é difuso e abrangente, se faz energia sonora indivisa." (1996: 29)

A alternância de tempo provocada pela intercalação de sílabas breves

com sílabas longas é o que garante a sensação auditiva da repetição, afirma Alfredo Bosi. Esse processo intuitivo de composição popular é encontrado no seguinte coco gravado em Forte Velho, no município de Santa Rita:

*"Meu papagaio morreu
Afogado na maré
Papagaio
Não teve quem me dissesse
Papagaio
Meu louro dê cá o pé*

*E olhe o paco do papaco paco
papagaio
E olhe o paco do papaco é
Papagaio
Não teve quem me dissesse
Papagaio
Meu louro dê cá o pé"* (Ayala & Ayala, 2000: 202)

A intercalação dos versos longos com o refrão curto assegura o encurvamento interno do coco. As variações de andamento dão um colorido na melodia que é suficiente para retirar a monotonia da repetição dos versos. O eco de 'paco' em 'papaco' justamente no verso mais rápido facilita o seu canto ao mesmo tempo em que dá a sensação de prolongamento, de uma duração maior.

A forma como Dona Joana, de Forte Velho, canta o coco do Mangangá demonstra uma preocupação com o tempo. No caso desse coco, a respiração interrompe o verso e, às vezes, até mesmo suprime o fim de algumas palavras. A alternância de sílabas fortes e breves com fracas e longas confirma a lógica de um tempo estendido, mas que também é usado como recurso para realçar o lirismo da melodia. Nos versos do coco que mostro a seguir, coloquei em negrito a sílaba forte e marquei com uma barra a respiração da cantora:

*"Mangangá/ olh' o besouro Refrão
Na fulô/ do araçã
Este pa/sseio de Maria
Faz papai e mamãe chorar*

*Lá vem a/ lua saindo
Por detrás/ da são cristia
Deu no cra/vo, deu na rosa
Deu no ra/paz qu' eu queria*

Refrão

*Já te quis/ não quero mais
Já te dei/ o desengano
Não me impor/ta que tu morra
No sereno cochilando"* (Ayala & Ayala, 2000: 188) ⁵

⁵ Cf. também o suplemento do disco *Cocos, alegria e devoção*, p. 25.

A repetição de versos como estratégia para a duração é uma constante nos cocos e pode ser percebido em vários lugares. Em Cabedelo foi gravado o coco do moleque, que consta de um único verso como refrão e um outro verso que se alterna ao gosto do cantador. A graça do coco está em imitar a situação à qual ele se reporta, a birra entre dois meninos. A disputa por imputar uma identidade negativa ao outro é frequentemente encontrada entre meninos de comunidades pobres e negras. Esta disputa é explorada pela entoação dos versos que garante uma variação melódica que salva de qualquer fastio decorrente da repetição. Os versos do coco em questão são os seguintes:

*“Ô moleque ô moleque
Moleque é ele Refrão
Ô moleque ô moleque
Moleque é ele
Óia o cabelo do moleque
Moleque é ele
Óia a oreia do moleque
Moleque é ele
Óia o oincho do moleque
Moleque é ele
Óia a boquinha do moleque
Moleque é ele
Ó o beicinho do moleque
Moleque é ele”*

Seguindo a mesma lógica, registrei em Guruji o coco do capim da lagoa que cito a seguir. Nesse coco, a graça está na utilização do duplo sentido que, segundo os participantes da brincadeira, mostrando com gestos o tamanho, pode ter a dimensão que cada um quiser. Os versos do coco são:

*“O capim da lagoa
É grande assim Refrão
Eu cortei, eu virei
É grande assim
Eu tornei a cortar
É grande assim”⁶*

Os cocos acima citados são apenas exemplos de uma característica dos cocos presentes em todos os lugares registrados e que demonstram que a concepção diferenciada de tempo abrange todas as instâncias da vida dessas pessoas. Isso não quer dizer que eles ignorem por completo a noção de tempo que é dominante na nossa sociedade. A integração de comunidades rurais ao mercado consumidor insere novos discursos para a mudança de hábitos com vistas à aceitação de produtos industrializados. Dona Lenira nos deu o exemplo dos versos do café Popular que ela recitava para a sua mãe quando ainda era jovem, tentando fazer com que ela deixasse de exigir a árdua tarefa de preparar

⁶ Coco registrado em entrevista com Dona Lenita e Dona Lenira realizada na agrovila do Portinho de Barra de Gramame, distrito de Guruji em 17/ out. /1999.

o pó do café. Os versos dizem o seguinte:

*“Minha Senhora ouça bem
Se é boa dona de casa
Quem nesse tempo se atrasa
Não pode juntar de bem
Não torre café em casa
Para seu tempo poupar
Se quer ter boa saúde
tome o conselho e não mude
tome o café Popular”*⁷

O tom do discurso é de poupar tempo, pois quem não poupa se atrasa, não poupa nem dinheiro e nem saúde e por isso não pode ter uma vida melhor. Que outro discurso poderia ser mais apelativo do que este, referindo-se à vida atrasada e à saúde precária do trabalhador? A adesão de Dona Lenira, adolescente ainda, à proposta do café Popular é a prova de que a noção hegemônica do tempo penetra em todas as camadas sociais. Por outro lado, a utilização do café misturado, parte torrado em casa e parte industrializado, mostra que o paladar, o gosto, assim como a noção de tempo, resistem. E a maior prova de resistência são os cocos novos ou antigos ainda cantados como outrora.

Referências Bibliográficas

- AYALA, Maria Ignez Novais. *“Por uma abordagem crítica do popular”*. Graphos - Revista de Pós-Graduação em Letras da UFPb, João Pessoa, n. 4, 1997, pp. 36-45.
- AYALA, Maria Ignez Novais e AYALA, Marcos. **Cocos: alegria e devoção**. Natal: EDUFRN, 2000.
- BIGNOTTO, Newton. *“O círculo e a linha”*. In: NOVAES, Adauto (org.). **Tempo e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, pp. 177-189.
- BORNHEIM, Gerd. *“A invenção do novo”*. In: NOVAES, Adauto (org.). **Tempo e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, pp. 103-118.
- BOSI, Alfredo. *“Introdução”*. In: BOSI, Alfredo (org.). **Cultura brasileira: temas e situações**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1992.
- _____. *“O tempo e os tempos”*. In: NOVAES, Adauto (org.). **Tempo e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, pp. 19-32.
- BOSI, Ecléa. *“Cultura e desenraizamento”*. In: BOSI, Alfredo (org.). **Cultura brasileira: temas e situações**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1992.
- FRIEDMANN, Georges. **7 estudos sobre o homem e a técnica**. Trad. Antonio Eduardo Vieira de Almeida e Eduardo de Oliveira e Oliveira. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1968.

⁷ Versos registrados em entrevista com Dona Lenita e Dona Lenira realizada na agrovila do Portinho de Barra de Gramame, distrito de Gurujá em 27/ jun./ 1999.

- GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. Trad. Raul Fiker. São Paulo: Edusp, 1991 (Col. "Biblioteca Básica").
- MARTINS, José de Souza. **A chegada do estranho**. São Paulo: Hucitec, 1993 (Col. "Ciências Sociais", vol. 32).
- . **Caminhada no chão da noite: emancipação política e libertação nos movimentos sociais no campo**. São Paulo: Hucitec, 1989.
- NOVAES, Adauto (org.). **Tempo e história**. São Paulo: Cia das Letras/ Secretaria Municipal de Cultura, 1996.
- ROCHA, Maria Eduarda da Mota. **O consumo precário: pobreza e cultura de consumo em um município do litoral nordestino**. São Paulo: FFLCH/ Departamento de Sociologia/ Curso de Pós-Graduação em Sociologia, 1999 (mimeo.).
- THOMPSON, E. P. **Costumes em comum: estudo sobre a cultura popular tradicional**. Trad. Rosaura Echemberg. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

RESUMO

ESPAÇOS E TEMPOS:
 CONCEPÇÕES DE TEMPO NO
 CONFRONTO
 DO MODERNO COM A TRADIÇÃO

Quando se procede a uma análise sobre as fronteiras entre o rural e o urbano ou entre cultura popular e cultura envolvente ou ainda entre o universo do oral e do escrito não se pode deixar de pensar nas diferentes concepções de tempo que prevalecem em cada lado desses termos. Esse estudo busca perscrutar as raízes dessa diferença para, em seguida, relacionar ao universo de nossa pesquisa, os cocos-de-roda, e tentar pôr em evidência os reflexos desse comportamento social no contexto de Guruji e Jacumã, em cujas comunidades, a manifestação está sendo estudada.

PALAVRAS-CHAVE: Espaço-Tempo; Cocos-de-Roda.; Tradicional-Moderno.

ABSTRACT

SPACES AND TIMES:
 CONCEPTIONS OF TIME IN THE
 CONFRONT OF THE MODERN
 WITH THE TRADITION

When it is proceeded to an analysis on the borders between the agricultural one and urban or between popular culture and the involving culture or still it enters the universe of the verbal one and of the writing if it cannot leave to think about the different conceptions of time that prevail in each side of these terms. This paper tries to discuss the roots of this difference for, after that, relating to the universe of our research, the 'cocos-de-roda', and trying to put in evidence the consequences of this social behavior in the context of Guruji and Jacumã, in whose communities, the manifestation is being studied.

KEYWORDS: Space-Time; 'Cocos-de-Roda'; Traditional-Modern.